

XI

TEORIAS, INDAGAÇÕES, UTOPIAS: UM ENCONTRO TEATRAL ENTRE AS TRAVESTIS E MULHERES TRANS COM DEFICIÊNCIAS E O TRANCA RUAS ABRINDO OS CAMINHOS PARA O MUNDO – SARAVANDO!*

Emerson T. Yamaguti

Introdução

O Sino da igrejainha faz blém blém blom
O Sino da igrejainha faz blém blém blom
Deu meia-noite o galo já cantou
Seu Tranca-Ruas que é o dono da gira
Oh corre gira que Ogum mandou

Abrimos nosso encontro teatral como esse ponto cantado e dividimos o palco com a figura emblemática do Tranca Ruas para iluminar os caminhos para as ressignificações, narrativas e subjetividades das travestis e mulheres trans com deficiência. Mesmo com as almas descrentes, a falange vem oferecer escuta e acolhimento espiritual. Corpos decoloniais carregados de violências, feminilidades, assexuados e/ou sexualizados, dismórficos, invisibilizados, estigmatizados e silenciados pela norma colonizadora, eurocêntrica, heteronormativa, racista e sexista, nos faz refletir sobre os percalços e sofrimentos desses corpos na sobrevivência ao isolamento e abandono. Através desse ponto cantado vamos dividir e dialogar com essas dores e permitir que o conhecimento, a poesia, a música, a crença e o cântico invadam nossas almas e pelas forças de *Ogum*, abrir o encontro para que Tranca Ruas possa limpar os caminhos do mundo e trazer luz a escuridão que assola o [in]consciente da nossa população *queer*! A arte e as falanges de *exus*, um encontro na encruzilhada! *Saravá!*

*DOI - 10.29388/978-65-86678-12-3-f.193-204

Entre a oração e a ereção
Ora são, ora não são
Unção, benção, sem nação
Mesmo que não nasçam
Mas vivem e vivem e vem
Se homens, se amam, ciúmes, se hímen
A quem costumeiramente ama
A mente ama também
Não queimem as bruxas
Mas que amem as bixas
Mas que amem. que amem. Clame, que
amem
Que amem as travas também
Amém
(Composição e interpretação MC Linn da
Quebrada, 2019)

De um lado, Tranca Ruas presente em nossa roda de conversa e do outro, cadeiras de rodas, muletas, apoios e dispositivos auxiliares para se aconchegarem no palco. Observo vários corpos e suas memórias, suas dissidências sexuais e a permanente oposição na desobediência de gênero. A necessidade de oração e acolhimento religioso *queer*, receosamente, manifestam-se no ar, formando uma densa camada de incertezas, descrenças e luto. Deslizando as mãos sobre palco, lentamente, indagamos se existe arte necessária para ressignificar as transgeneridades no processo cis-colonial para as travestis e mulheres trans com deficiência.

Dodi Leal em seu artigo “A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica possível? Pedagogias antiCISTêmicas da pandemia” disserta sobre a arte travesti em tempos de pandemia (em referência ao novo coronavírus) e a relação com o CISTema social e a cisgeneridade branca. A arte travesti será possível nessa época pandêmica se ela for antiCISTêmica, promovendo atos discursivos e indisciplinados. Para Leal

[...] arquitetar narrativas desobedientes e cometer performances insurgentes, como acontece com a arte travesti, são marcos fundamentais no sentido de redimensionar estruturas sociais que se sus-

tentam na desigualdade. Ora, a insurreição de gênero, neste sentido, nada mais é do que uma poética que desnuda mecanismos disciplinares do CISTema na construção social e subjetiva do corpo e do pertencimento psicossocial (2020, p. 4).

Sobre a articulação entre a arte e o enfrentamento dos mecanismos disciplinares do sistema social, acrescenta Leal (2020, p. 14) que

[...] a arte travesti desestabiliza a estrutura de normatização de movimento e de produtividade na qual se insere o gênero na institucionalidade atual do CISTema. Os choques desobedientes aqui expressos no avesso do avesso das palavras se opõem à industrialidade mecatrônica disciplinar na qual se inscreve o gênero produtivo; o gênero improdutivo é, então, metacrônica indisciplinar travesti.

A arte travesti assume o posto de transgressão dos mecanismos disciplinares do CISTema e torna-se o avesso dos gêneros produtivos. Como legitimar a arte e a construção social dos corpos (profanos e metacrônicos) das travestis e mulheres trans com deficiência na contemporaneidade? Assumir as transgressões dos corpos em nome da arte e propor uma nova linguagem dos corpos, escandalizando a alta sociedade? Talvez pedir licença a arte para que possa transpirar seu papel na tradução da decolonidade corporal.

As colocações de Leal (2020) sobre promover uma arte antiCISTêmica através de atos discursivos e indisciplinados nos provoca a refletir sobre o lugar de fala das mulheres trans e travestis com deficiência e a importância do discurso contra hegemônico.

Para Ribeiro (2019), todas as pessoas possuem lugares de fala pois estão falando de localização social, viabilizando a possibilidade de debater e refletir sobre os mais variados temas da sociedade. Pensar o mundo a partir de seus lugares, saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdades, pobreza, racismo e sexismo. Muitas indagações surgem na medida que nosso potencial discursivo pode nos levar a um lugar no qual é possível desestabilizar e transcender a autorização discursiva da classe dominante,

promover disputas de narrativas e colocar em pauta a linguagem dominante que, muitas vezes, é utilizada como manutenção de poder. O palco pode se tornar um lugar para dialogar como nossas identidades foram construídas? Existe teatralidade suficiente para fomentar discursos representativos de nossas heranças coloniais? Existe dramaturgia para atravessar os muros e propor diálogos sobre utopias trans? A arte é capaz de ressignificar os padrões estéticos e a universalização das vozes, no que diz respeito, a articulação das palavras, a ressonância, a projeção da voz, a interpretação e a leitura de texto muitas vezes acometidas pelas disartria, dislalia ou hipotonia dos órgãos fonoarticulatórios das pessoas com deficiência? Os refletores iluminam apenas a frente de um grupo historicamente marginalizado e silenciado, o suficiente para denunciar uma sociedade mergulhada na ciranda da necropolítica, permeadas pela desigualdade social, capacitismo, cisgeneridade, racismo e sexismo, no qual o Estado decide quem morre ou sobrevive. Esse holocausto brasileiro motivado pela LGBTfobia mata ou empurra ao precipício muitas vidas trans. Segundo dados estatísticos do Grupo Gay da Bahia (GGB), o Brasil registrou em 2019, 329 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tiveram morte violenta, vítimas da homotransfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%).

Do ponto de vista da distribuição racial, entre as vítimas, 50,2% são negros e 49,7% brancos. O Brasil continua sendo o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais, a cada 26 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida por LGBTfobia (GGB, 2019). Esses dados sobre o genocídio da população LGBT nos territórios brasileiros é prejudicado pela subnotificação. Segundo o GGB (2019),

[...] a mídia está longe de noticiar a totalidade dos casos, quer por ignorar a identidade de gênero ou orientação sexual das vítimas, quer devido às lacunas dos registros policiais que impossibilitam ao olhar não especializado identificar as características subjacentes aos crimes de ódio, mesmo porque a violência contra a população LGBT+ é multiforme e, sem instrumentos precisos para seu monitoramento, especialmente devido ao desinteresse das autoridades estatais em promover a cidadania dessas pessoas.

Foi notificado alguma deficiência nesses corpos? Um corpo com deficiência seria um agravante a mais para provocar a LGBTfobia na medida que assumem contornos disfórmicos e operam uma transgressão de ordem anatômica, contrariando a política dos corpos universalizados?

Ressignificar os corpos com deficiência em novos corpos no mundo é uma grande provocação nesse encontro! Na arte contemporânea, uma mulher trans com deficiência é capaz de estimular no imaginário coletivo uma nova leitura do modelo hetero, branco e bípede? Lima (2015) corrobora com essa questão sobre os corpos negligenciados dos artistas com deficiência, através da criação de novas formas de escrever e descrever o corpo em oposição a ideologia de corpos convencionais

Ao longo das décadas, ao passo que novas realidades parecem querer delimitar um novo território de imagens e importâncias, ainda se explica e se justifica o corpo do artista deficiente em cena pelo viés da inclusão, da superação, discursos que levam uma falência múltipla de uma conquista para além do espaço físico, vital desses corpos [...]. O artista com diferenças de corpo marcadas está a criar a todo tempo uma nova forma de escrever e descrever o corpo. Como um novo papel, uma nova pauta, pontilhada, reticente, suspensiva. Por esse motivo, novas aglutinações, derivações, afixos etc. devem ser lidas para a elaboração de uma gramática corporal-normativa criada por uma ideologia de corpos convencionais. O corpo com deficiência não é mais novidade, não é minoria, e ele está em cena, criando na arte contemporânea uma nova literatura para o corpo, para a arte. (LIMA, 2015, p. 3).

Nesse momento do encontro sentimos a escuridão nos absorver, nos deparamos com a encruzilhada! A fronteira entre as travestis e mulheres trans com deficiência e a cultura hegemônica, branca e heteronormativa. Para SILVEIRA (2018, p.18) “os corpos das mulheres transexuais e travestis ‘incorporam’ o controverso diante da lógica binária, que estabelece que a verdade dos sujeitos se encontra em um corpo primordialmente biológico.”. Por outro lado, os corpos com deficiência rompem com o padrão universalizado perante um modelo corporal hegemônico. Diante dessa descolonização dos conceitos, quais são as possibilidades

de cruzar essas fronteiras de valores culturais arraigados pela classe dominante?

Anzaldúa (1987) discute em seu livro autoetnográfico “*Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*” sobre o cruzamento das fronteiras através dos valores culturais e espirituais e, que o “contrapositionamento” perante as classes hegemônicas pode nos levar aos conflitos sociais que, muitas vezes, desencadeia na violência. A proposta é criar e/ou desenvolver uma tolerância as contradições culturais.

Contudo, não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções patriarcais, brancas. Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido [...]. O “contrapositionamento” brota de um problema com autoridade – tanto externa como interna – representa um passo em direção à liberação da dominação cultural. Entretanto, não é um meio de vida. A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta [...]. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir. (ANZALDÚA, 1987, p. 705-706).

Estamos em uma encruzilhada entre atravessar a fronteira aos gritos ou propor um diálogo contra hegemônico ou ainda, cruzar a fronteira rumo a um novo território. As possibilidades estão abertas!

Uma galinha está sendo sacrificada numa encruzilhada, um simples monte de terra Um templo de lama para *Exu*, *Yoruba* deus da indeterminação, que abençoa sua escolha por um caminho. Ela inicia sua jornada (ANZALDÚA, 1987, p. 707).

Esse discurso trouxe ainda mais inquietações, urgência de existir e evidenciar as vozes esquecidas. Para legitimar e corroborar com a produção de insurgências contra o modelo dominante, as falanges de *exus*

abrem caminhos para Audre Lorde (2019) que escreve sobre a importância de transformar nosso silêncio em linguagem e ação e o enfrentamento do medo no que diz respeito ao desprezo, a censura ou julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação e a visibilidade que esse enfrentamento traz ao se defrontar com forças hegemônicas que invisibilizam sujeitos subalternos enquanto categoria social e política. Romper o silêncio nos tira da invisibilidade e traz à tona nossa vulnerabilidade que, para Audre Lorde, “é a fonte de nossa maior força” (2019, p. 29).

Nessa direção, numa entrevista de Leandrinha Du Art fala que

[...] já saímos dos nossos quartos, já deixamos a escuridão dos nossos quartos. Já deixamos a dor dos nossos corpos dentro dos nossos quartos e agora a gente tá na rua. E agora se não bastasse estar na rua, eu quero ser ouvida, eu quero ser respeitada, eu quero ser entendida, enquanto particular, enquanto indivíduo [...]. (DU ART, 2019).

As travestis e mulheres trans com deficiência existem. De sua localização social buscam (re)existir e ressignificar suas falas. A alagoana Vanessa de Oliveira, militante PCD (pessoa com deficiência) e LGBT em seu perfil de uma rede social compartilha narrativas e subjetividades sobre a estigmatização, o pensamento normalizado da sociedade sobre a angelitude e infantilização das PCDs que inviabiliza e normatiza seu gênero e sexualidade e além disso, deslegitima mais de uma década de luta contra a sociedade eurocêntrica, heteronormativa e sexista. Enquanto mulher, lésbica e com deficiência questiona sobre onde estão as vozes e as contribuições das PCDs e a não representatividade no meio LGBTQ+ no que diz respeito ao reconhecimento enquanto mulher lésbica. Essas considerações se estendem ao feminismo no qual Vanessa de Oliveira indaga sobre a participação de mulheres com deficiências no movimento feminista, o direito de voz e pautas que precisam ser incluídas nesses movimentos, tais como violência doméstica (dificuldade para denunciar seus agressores), inclusão no mercado de trabalho, discriminação de gênero e igualdade de direitos. “São pautas que o feminismo precisa incluir e dar voz ao movimento PCD, que também faz parte de uma

minoria. Precisamos ser reconhecidas como mulheres que também sofrem com o machismo e com toda essa opressão” (OLIVEIRA, 2020).

O feminismo dá voz as mulheres trans com deficiência? É um movimento que acolhe e legitima as causas das PCDs?

Um manifesto feminista libertário, anticapitalista e em construção, é o manifesto do Feminismo 99% proposto por Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019). É um século permeado por muitas crises: social, econômica, política, ética, ambiental, cultural, de identidade, de pertencimento, de escolha e falta de escolha. Para as autoras, o capitalismo é a base de todas essas crises. O objetivo é atacar as raízes capitalistas que encoraja as mulheres a enxergar a si mesmas como integrantes da “classe média” enquanto o capital as explora. Mulheres pobres e da classe trabalhadora, mulheres racializadas e migrantes, mulheres *queer*, trans e mulheres com deficiência envolvidas em um ciclone avassalador imposto pelas políticas neoliberais, que oprime, desconstrói e invisibiliza os direitos da classe subalterna enquanto categorias política, social e cultural. O feminismo para 99% busca uma transformação social profunda e de longo alcance

[...] é por isso que não pode ser um movimento separatista. Propomos, ao contrário, participar de todo movimento que combate a favor dos 99%, seja lutando por justiça ambiental, educação gratuita de alta qualidade, serviços públicos amplos, habitação de baixo custo, direitos trabalhistas, sistema de saúde gratuito e universal, seja batalhando por um mundo sem racismo nem guerra (ARRUZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019, p. 31).

Para Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019), o feminismo só é um manifesto feminista se for 99%, um manifesto no qual as categorias de raça, gênero, classes são indissociáveis, ou seja, é um manifesto anticapitalista, antirracista, ecossocialista, antiLGBTfóbico.

No palco, o ambiente ainda tem um formato de reticências no ar. Não temos cenários e adereços, mas como figuração contamos com as nossas utopias e teorias, que buscam investigar a condição humana e adentrar em nossas histórias e memórias, ativando nosso espectro afetivo. As atrizes querem respirar! Um ar ainda carregado de toxicidade pe-

las normas coloniais e abismos sociais criados pelo neoliberalismo, porém, capaz de provocar forças para reivindicar o direito de ter voz, promover saídas emancipatórias, ressignificar identidades (raça, gênero ou de classe) e possibilitar visibilidade e representatividade *queer* desse grupo oprimido e marginalizado. Sobra um suspiro para cruzar as fronteiras.

Em nosso encontro teatral, em uma atmosfera na qual a arte, é desnudada, e ao mesmo tempo, é vista como uma possibilidade de ser um vetor representativo de nossos corpos, a autora, professora, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense, bell hooks (2013) vem trazer alento e um pouco de respiro para nossas angustias e dores. Novamente, o encontro com a encruzilhada, as possibilidades de atravessamento da fronteira através da teoria e o pensamento crítico.

Cheguei à teoria porque estava sofrendo, a dor dentro de mim era tão intensa que eu não poderia continuar a viver. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender, querendo entender o que estava acontecendo ao meu redor. Acima de tudo, cheguei à teoria porque queria fazer a dor ir embora. Eu vi, na teoria, um local para a cura. (hooks, 2013, p. 59).

Para bell hooks (2013), o pensamento crítico é o elemento primordial para a possibilidade de mudança. Sem a capacidade de pensar criticamente sobre nosso ser e nossa vida ninguém seria capaz de progredir, mudar, crescer. Sobre a pedagogia engajada, hooks (2013) relata que, a essência dessa abordagem ao aprendizado é o pensamento crítico. É através desse engajamento que permite, dentro e fora da sala de aula, criar um ambiente de possibilidades nos quais os alunos são capazes de desenvolver a consciência crítica de suas próprias escolhas. E é nesse campo de possibilidade que podemos trabalhar pela liberdade “[...] e exigir de nós e de nossas camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade e ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade” (hooks, 2013, p.273).

tua pele és cura.
faça de seu corpo seu patuá. faça amolada em mesa de cetim. corte
profundo. amuleto & não muleta.
mate & morra.
mate o macho branco senhor de engenho
colonizador capataz.
mate & morra em você,
e sinta você também
a força dos meus ancestrais.
(MC Linn da Quebrada, 2020)

Corpos blindados pela desobediência de gênero, pelas dissidências sexuais, vamos romper barreiras, criar fissuras e tensionamentos nos muros e cruzar fronteiras com nossos corpos travestidos, mutilados ou tortos, através das ressignificações, visibilidades, empoderamento, narrativas, utopias, subjetividades. Faça de seu corpo seu patuá.

Anzaldúa em um momento de lucidez e delicadeza, escreve esse trecho em sua obra na qual podemos sentir seus conflitos enquanto *chicana*, lésbica, *queer* e feminista em um país hegemônico, sexista, racista, patriarcal

Como mestiza, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres (como uma lésbica, não tenho raça, meu próprio povo me rejeita, mas sou de todas as raças porque a *queer* em mim existe em todas as raças). Sou sem cultura porque, como feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos, entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que conectam um/a ao/a outro/a e ao planeta (ANZALDÚA, 1987, p. 707).

Nossos corpos estão cansados! Dado por encerrado nossa gira teatral, saravando ao Tranca Ruas pela abertura de caminhos para a reali-

dade e as possibilidades de lucidez, consciência, sabedoria, conhecimentos tornarem-se amuletos para minimizar nossos sofrimentos e angústias. Um meio grito para um grito inteirado!

Vou pedir, ah eu vou pedir... para iluminar a minha rua, com a proteção de Ogum, e a proteção do meu mestre Tranca Ruas. Seu Tranca Ruas das Almas por quem eu tenho devoção, que me dê a sua força e a sua proteção...Com sua capa ele me cobre, na sua mão um punhal. Vem fazer justiça, para combater o mal. Com sua capa ele me cobre, na sua mão um punhal. Vem fazer justiça, para combater o mal...Laroyê Laroyê é mojubá. Eu vou pedir seu Tranca Ruas das Almas que ele nos dê forças para que possamos caminhar. Laroyê Laroyê é mojubá, eu vou pedir seu Tranca Ruas das almas que ele nos dê forças para que possamos caminhar!!!

Referências

ARRUZZA, C.; BATHACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. 1. Ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

ANZALDÚA, G. **Bordelands/La Frontera**: The New Mestiza. 1. ed. Estados Unidos: Editora Tia Lute Livros, 1987,

GGB - **GRUPO GAY DA BAHIA**. Disponível em: <<https://grupo-gaydabahia.com.br/>> Acesso em: 15 jul. 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir – A Educação como prática de Liberdade**. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LEAL, Dodi. **A arte travesti é a única estética pós-apocalíptica possível?** Pedagogias anticistêmicas da pandemia. Disponível em: <https://www.academia.edu/43468120/A_arte_travesti_%C3%A9_a_%C3%BAnica_est%C3%A9tica_p%C3%B3s-apocal%C3%ADptica_poss%C3%ADvel_Pedagogias_antiCIST%C3%AAMicas_da_pandemia> . Acesso em: 12 jul. 2020

LIMA, João. P.O. Para uma nova gramática do corpo. IN: DE JESUS, S. (Org). **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e**

Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider.** Belo Horizonte: Autentica Editora, 2019.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de Fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SILVEIRA, Drielly.T.L. **Sob o signo da sereia:** a feminilidade na experiência de mulheres trans deficientes. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.